Os modelos interdisciplinares de Georgina Born aplicados aos processos de ensino e aprendizagem no choro

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SIMPÓSIO CIÊNCIAS MUSICAIS: BORRANDO FRONTEIRAS DISCIPLINARES

Luciana Fernandes Rosa
Universidade de São Paulo

Silvia Maria Pires Cabrera Berg
Universidade de São Paulo

Resumo: O artigo enfatiza a necessidade da abordagem interdisciplinar no estudo dos processos de ensino e aprendizagem do choro, lançando um olhar sobre os diferentes modelos de interdisciplinaridades propostos por Georgina Born (2010). As contribuições da antropologia e das ferramentas metodológicas da etnomusicologia, assim como apontamentos de estudiosos como Blacking (2007), Seeger (2008), Sandroni (2000), Queiroz (2010), O. Pinto (2010) e Campbell (2001) enriquecem a discussão.

Palavras-chave: Interdisciplinaridade. Educação musical. Etnomusicologia. Música Popular. Choro.

The Interdisciplinary Models of Georgina Born Applied to the Teaching-Learning Processes in Choro

Abstract: The article emphasizes the need for an interdisciplinary approach in the study of the teaching-learning processes of the choro genre, looking at the different interdisciplinary models proposed by Georgina Born (2010). The contributions of anthropology and the methodological tools of ethnomusicology, as well as notes from scholars such as Blacking, Seeger, Sandroni, Queiroz, Oliveira Pinto and Campbell enrich the discussion.

Keywords: Interdisciplinarity. Music Education. Ethnomusicology. Popular Music. Choro.

1. Introdução

As reflexões expostas no presente artigo surgiram de questões inerentes à pesquisa de doutorado em andamento, cujo objeto de estudo trata das relações entre escrita e oralidade na transmissão e ensino-aprendizagem no choro, utilizando, como estudo de caso, os festivais promovidos pela Escola Portátil de Música, instituição especializada no ensino do gênero.

Inicialmente inserida na linha de pesquisa em educação musical, a abordagem metodológica da pesquisa mostrou ser necessária a realização de uma etnografia das práticas de ensino e aprendizagem do choro, e consequentemente uma compreensão maior do próprio significado da etnografia e suas ferramentas de metodologia, que incluem a pesquisa de

campo com observação participante, realização de entrevistas e registro audiovisual das diversas situações que compõem o cenário de um festival de choro: as aulas de instrumento, os workshops coletivos, os ensaios de prática de conjunto, os shows/apresentações e, sobretudo, as rodas de choro.

Ao adentrar o universo do choro, ficou latente a necessidade de se pensar as relações de ensino-aprendizagem além do contexto tradicional de metodologias e autores do campo da educação musical. O gênero choro surgiu em meados do século XIX no Brasil, e foi transmitido de várias formas desde o período inicial até a atualidade. Ainda no século XIX, a transmissão ocorria através de cadernos manuscritos que circulavam entre os músicos, sobretudo os solistas, em sua maioria, flautistas. Estas partituras via de regra continham apenas a melodia principal. Os acompanhadores, violonistas e cavaquinhistas em sua maioria, aprendiam os acompanhamentos rítmico-melódicos através da oralidade, compartilhando entre si um repertório frequentemente utilizado de sequências harmônicas e células rítmicas, conforme relata Pedro Aragão (2013). Esta maneira de transmissão permaneceu ao longo de boa parte do século XX, acrescida pelo advento dos registros fonográficos, que começaram a ser realizados no Brasil em 1897, segundo José Ramos Tinhorão (2014). Somente no final do século XX foram inauguradas as primeiras escolas especializadas no ensino do choro.

Os processos de ensino-aprendizagem do choro atualmente englobam essas práticas utilizadas ao longo da história, e outras que foram surgindo, sobretudo no final do século XX e com o advento da era digital. Se no século XIX os cadernos manuscritos do choro continham apenas a linha melódica principal, hoje encontram-se cadernos impressos de choro com melodias, contracantos e cifras, acompanhados de gravações didáticas com playbacks para o estudante praticar. Além disso, é possível contratar aulas online, assim como assistir a vídeos e gravações antigos no Youtube. A digitalização de acervos caminha a passos largos, e hoje é possível encontrar na Internet partituras de compositores pouco conhecidos, além de obras raras de compositores consagrados. Ainda assim, o estudante também frequenta as rodas de choro e se utiliza da relação mestre-aprendiz, à mesma maneira que os chorões do século XIX.

Diante desta variedade e complexa rede de maneiras de aprendizagem e transmissão, foi imperativo analisar as diversas relações sociais, históricas e antropológicas do choro e seus praticantes, e na revisão bibliográfica e trabalho de campo, surgiram conceitos e autores da etnomusicologia, da antropologia, da história e da psicologia, entre outras áreas de conhecimento. Este trabalho demonstra como alguns destes campos epistemológicos interagem e dialogam na transmissão do choro, e como pensar uma perspectiva

interdisciplinar na pesquisa do ensino do choro, um gênero de música urbana surgido da fusão de danças europeias com estilos musicais praticados no Brasil, de influência indígena e africana.

2. Modelos de interdisciplinaridade na Musicologia Relacional de Georgina Born

As questões da interdisciplinaridade nos estudos musicais foram abordadas por Born (2010), em um artigo intitulado *For a Relational Musicology: Music and Interdisciplinarity, Beyond the Practice Turn: The 2007 Dent Medal Address*. Neste trabalho, Born levanta o problema das separações dentro dos campos de música, como a musicologia histórica, a etnomusicologia e os estudos de música popular. Embora Born não faça alusão neste trabalho sobre a educação musical, outros autores, como Liora Bessler (apud QUEIROZ, 2010), Patricia Campbell (2003), Luiz de Queiróz (2010) e Carlos Sandroni discorreram sobre a importância da etnomusicologia para a educação musical e vice-versa.

Born (2010) em seu trabalho, aponta a divisão em áreas específicas do conhecimento como um problema recorrente e complexo na musicologia, e cita uma metáfora de Michel Serres, comparando o conhecimento fragmentado como "ilhas em arquipélagos na barulhenta e mal compreendida desordem do mar" (SERRES, 1980, p. 23 apud BORN, 2010, p.209, tradução nossa), e o papel do intelectual seria "tentar ver em grande escala e estar em plena posse de uma intelecção múltipla e conectada " (ibidem).[1] Assim, a autora exemplifica os modelos observados em vários trabalhos, e identifica três tipos de interdisciplinaridade, demonstrando, para cada tipo, sua capacidade de gerar transformações epistêmicas, elegendo o método que considera ser o mais efetivo nessa qualidade. O primeiro método destacado por Born é o método integrativo-sintético, o qual a autora acredita ser empregado na maioria dos trabalhos existentes. Através deste método, o campo interdisciplinar é concebido em termos da integração de duas ou mais disciplinas antecedentes de forma relativamente simétrica e deve ser julgado de acordo com os critérios das disciplinas antecedentes, sendo que o valor será avaliado em termos desses critérios aditivos (BORN, 2010, p. 211). O segundo método a autora classifica como subordinação-serviço, no qual uma ou mais disciplinas são organizadas em uma relação de subordinação ou serviço a outras disciplinas componentes. Born observa que este método aponta para a divisão hierárquica do trabalho que caracteriza muitos exemplos de prática interdisciplinar, porém é um sistema que pode favorecer a estabilidade das disciplinas componentes e inibir a mudança epistêmica que a autora propõe como um modelo ideal de interdisciplinaridade. O terceiro método Born define como método agonista-

antagonista, no qual o conflito e as diferenças entre as disciplina componentes são abordados de uma maneira em que se propõem mudanças epistêmicas em cada disciplina, a partir de uma abordagem que modifique a natureza ontológica e epistemológica da disciplina em questão. Nas palavras da autora:

> No modo agonista-antagônico a pesquisa interdisciplinar [...] é impulsionada por uma relação agonística ou antagônica às formas existentes de conhecimento e prática disciplinares. Aqui, a interdisciplinaridade brota de um diálogo autoconsciente com crítica ou oposição aos limites intelectuais, estéticos, éticos ou políticos das disciplinas estabelecidas, ou o status da pesquisa acadêmica em geral [...]. Isso não significa que o que é produzido por tal interdisciplinaridade possa ser reduzido a esses antagonismos; tampouco implica quaisquer relações abertamente conflitantes entre a interdisciplina emergente e a formação disciplinar prévia. Antes, com o modo agonista-antagônico, destacamos como esse tipo de prática interdisciplinar deriva de um compromisso ou *desejo de contestar ou transcender os fundamentos epistemológicos e ontológicos das disciplinas históricas* - um movimento que torna a nova interdisciplina irredutível a suas "disciplinas antecedentes" (Ibid., grifo nosso, tradução nossa).

No desenvolver do artigo, Born descreve vários exemplos desta última abordagem interdisciplinar por vários autores dos campos da história, da etnomusicologia e da sociologia, demonstra como a abordagem musical pode integrar-se a cada um desses campos de conhecimento. Interessa-nos, além dos exemplos e caminhos propostos pela autora, pensar como relacionar este tipo de abordagem na análise dos processos de ensino-aprendizagem no choro.

Quando se pensa em escrita e oralidade na transmissão e ensino-aprendizagem do choro, o campo da Educação desponta como a disciplina-base para realizar a pesquisa. Porém, ao pensar a questão metodológica, como foi exposto anteriormente, a necessidade da realização de uma etnografia com metodologias próprias da antropologia musical propõe a imediata conexão com a etnomusicologia. Segundo o pensamento de Born, a relação interdisciplinar de subordinação-serviço tenderia a considerar a etnografia e suas ferramentas metodológicas: a pesquisa de campo com observação participante, as entrevistas, o registro audiovisual, como meros agentes complementares para a análise dos processos de ensino-aprendizagem no choro. No entanto, a própria natureza do trabalho etnográfico demonstra como a compreensão dos fenômenos sociais e históricos é fundamental para o entendimento dos processos musicais. O etnomusicólogo Anthony Seeger, falando sobre a etnografia da música, observa:

> A performance musical possui aspectos fisiológicos, emocionais, estéticos e cosmogológicos. Tudo isso está envolvido no por que as pessoas fazem e apreciam

> certas tradições musicais. Uma etnografia da música deve estar preparada para tratar desses aspectos (SEEGER, 2008, p.256).

Os processos de ensino-aprendizagem inerentes à roda de choro, talvez a principal maneira de aprendizagem ao longo da história e também nos dias atuais, ocorrem no momento da performance, entre outras instâncias. O próprio conceito de educação espontânea é revisto por Carlos Sandroni, quando afirma em um trabalho que "não existe educação espontânea; ela não apenas transmite cultura, a *educação é ela mesma um artefato cultural* e como tal, por definição, algo de elaborado, organizado (SANDRONI, 2000, p.9, grifo nosso).

Pensar, portanto, a educação sob o viés da cultura, possibilita entrar no terreno interdisciplinar proposto por Born como o modelo agonístico-antagonístico, uma vez que propõe a abordagem da educação sob o ponto de vista da cultura, não significando, com isso, olhar a educação como uma disciplina subordinada à cultura, porém como parte de um sistema maior que abrange a educação, e no qual esta também lança mão de outras disciplinas como a história, sociologia, a psicologia, as ciências políticas e a antropologia para sua total dimensão.

Blacking (2007) ressalta a indissociabilidade entre fazer musical e natureza social, quando afirma:

> Para enfatizar a dinâmica e os papéis não-reflexivos que os músicos podem desempenhar na vida social e na organização cultural, e focar na significância dos símbolos musicais, prefiro não pensar em termos de uma sociomusicologia, que identifica a criação e a interação musical sobretudo como uma parte auxiliar da vida social, mas de uma musicossociologia, que poderia ver certos aspectos da vida social como produtos do pensamento "musical" (Backing, 2007, p. 208).

Born (2010), ao propor as mudanças epistêmicas no método interdisciplinar, também converge para essa ideia da música como geradora de comportamentos sociais. Ela aponta que "em todos esses aspectos, a música é imanentemente social, como a etnomusicologia demonstrou por muito tempo, atestando as muitas músicas no mundo em que há pouca separação entre os processos musicais e sociais. (Idem, p. 233)".

Retornando para os processos de ensino-aprendizagem, inúmeros outros aspectos e disciplinas são importantes e fundamentais para a compreensão do fenômeno. Em relação à metodologia, ao se utilizar o registro audiovisual como material de coleta de dados, existe a necessidade de conhecer e dominar mecanismos de registro que envolvem o conhecimento da tecnologia existentes, as relações que se estabelecem entre o pesquisador e a situação de trabalho de campo registrada, como o olhar do pesquisador direciona o registro e o que deve

ser considerado material a ser observado. Não poucas vezes, o trabalho de coleta de dados sob a ótica da etnomusicologia, resultou em um produto audiovisual, ou filme etnográfico, expostos em congressos e encontros dedicados a esta modalidade.

O registro audiovisual desdobra-se em consequências no próprio desenvolver da pesquisa em campo. Como as pessoas pesquisadas reagem ao momento do registro, tanto em relação ao que dizem e suas implicações sociais e políticas, no caso de entrevistas, ou como o registro afeta o desempenho e até mesmo a finalidade da performance. Dessa forma, o pesquisador precisa partir de ontologias outras além de seu campo de conhecimento, que empreguem desde um olhar e escuta que envolvam o domínio da linguagem audiovisual e das tecnologias a ela relacionadas, até sua postura dentro do campo, de maneira a interferir o mínimo possível no acontecimento a ser registrado. Tiago de Oliveira Pinto (2001) aponta para estas preocupações e mecanismos, ressaltando que

> A pesquisa de campo, principalmente também a pesquisa participativa, exige do antropólogo experiência e um *talento especial em lidar com pessoas*. Dificilmente se poderá preparar os diferentes passos da pesquisa com precisão e de maneira predefinida. *Na etnografia musical acrescenta-se o aprendizado e a capacidade de manusear aparelhos.* Tecnicamente falando, a pesquisa musical de campo requer um equipamento básico, que possibilita o investigador a captar sons e afixar imagens para a avaliação e análise posteriores. (PINTO, 2001, p. 251, grifos nossos).

Tomas Turino (2008), em suas etnografias no Zimbabwe e no Peru, faz uma classificação das performances musicais, dividindo-as em quatro subtipos: performances participativas, apresentacionais, alta fidelidade e vídeo-arte. Enquanto os dois primeiros tipos, a performance participativa e a apresentacional, estão relacionadas ao acontecimento musical ao vivo e voltado para a própria comunidade onde este ocorre, as performances de alta fidelidade e video-arte estão diretamente relacionadas à finalidade do registro audiovisual e à difusão da performance de um grupo para outros públicos (TURINO, 2008, p. 90-91). Portanto, questões referentes ao registro e distribuição de música para outros povos e comunidades também permeiam o fazer musical de determinado grupo.

O registro e a gravação também tem um papel importante na transmissão de certos estilos de música popular, como observa Born (2010, p. 237), citando os trabalhos de Paul Bernliner e Ingrid Monsam. Para estes autores, após a década de 40, quando houve incremento das transcrições de jazz, “a gravação continuou sendo o principal meio de transmissão de estilo e educação musical, a fonte da sutileza musical e da verdade” (Born, 2010, p.237). Assim como no jazz, as performances ao vivo e o aprendizado no choro também

continuam se apoiando em gravações históricas, que chegam a ser normativas em relação a liberdades interpretativas e opções estéticas, além de referência para estudantes, assim como observado por Born. A autora complementa esta ideia, reiterando que

> De fato, a gravação representa desafios radicais para qualquer distância interdisciplinar. Ela exige uma estrutura meta-analítica que compreende o legado do registro não apenas como outro ramo do estudo da música, mas como constitutivo de toda a experiência musical – arte e popular, passado e presente - no último século (idem, p. 236, tradução nossa)

3. Considerações finais

Neste artigo procuramos demonstrar a necessidade da abordagem interdisciplinar para o estudo de processos de ensino e aprendizagem do gênero choro, enfatizando a conexão da educação musical com a etnomusicologia e antropologia, além do estudo de tecnologias de gravação e os processos históricos. Como ponto de partida para entender as diferentes abordagens interdisciplinares, a contribuição de Georgina Born sobre o tema trouxe três tipos de interdisciplinaridades mais comumente encontradas em estudos sobre este assunto, das quais o modelo agonístico-antagonístico demonstra ser o que mais se aproxima de um modelo interdisciplinar que favoreça as viradas epistemológicas e ontológicas necessárias para que se amplie o conhecimento para além das incomunicáveis ilhas de conhecimentos isoladas em um mar desordenado, como a metáfora de Serres. No desenvolver do tema, demonstrou-se como alguns desde processos metodológicos oriundos de outros campos de conhecimento são empregados na compreensão das relações de ensino-aprendizagem, e como o próprio conceito de educação musical como artefato cultural em si já denota uma mudança epistêmica na direção de um conhecimento integrativo e permeável a diversos campos de conhecimento.

As relações disciplinares têm um vasto horizonte de estudos e teóricos, inclusive com conceitos paralelos como a transdisciplinaridade, para o qual Nicolescu tem uma importante contribuição, não cabendo neste momento explorar este tema[2]. Objetivou-se, neste trabalho, problematizar a necessidade não apenas do reconhecimento da abordagem interdisciplinar no campo da educação musical na música popular, utilizando especificamente o exemplo do choro, como também abrir o diálogo para outros estudos dentro das ciências musicais que transcendam as frágeis fronteiras já estabelecidas, em busca de um horizonte onde a comunicação entre disciplinas seja mais prolífica e menos incômoda. Cabe à pesquisa em música descobrir este horizonte sereno e fértil, onde pontes invisíveis se formam entre os diversos arquipélagos e por onde se podem semear e colher novos frutos de conhecimento.

Referências

ARAGÃO, Pedro. O baú do Animal: Alexandre Gonçalves Pinto e *O Choro*. Rio de Janeiro: Folha Seca, 2013

BLACKING, John. Música, cultura e experiência. In Cadernos de Campo, n. 16, p. 201-218, 2007. Disponível em: http://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/50064. Acesso 25 jan 2019

BORN, Georgina. For a Relational Musicology: Music and Interdisciplinarity, Beyond the Practice Turn: The 2007 Dent Medal Address. *Journal of the Royal Musical Association*, Vol. 135, No. 2 (2010), pp. 205-243 Editora Taylor & Francis, Ltd. Disponível em http://www.jstor.org/stable/40961943. Acesso 15 fev 2019.

CAMPBELL, Patricia S. Ethnomusicology and Music Education: Crossroads for knowing music, education, and culture. In: *Research Studies in Music Education* 2003 21-16p. Disponível em: http://rsm.sagepub.com/content/21/1/16. Acesso 31 mar 2019

NICOLESCU, Basarab. Um Novo Tipo de Conhecimento – Transdisciplinaridade. In: SOMMERMAN, A.; MELLO, M., F.; BARROS, V., M. (Orgs.). *Educação e Transdisciplinaridade. Vol. I.* Trad. Judite Vero, Maria F. de Mello e Américo Sommerman. Ed. Unesco. DF- Brasília: 2000.

OLIVEIRA PINTO, Tiago de. Som e música. Questões de uma antropologia sonora. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 44, n. 1, 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-77012001000100007&lng=en&nrm=iso>>. Acessado em: 31b mar 2019

QUEIROZ, Luiz. R.S. Educação musical e etnomusicologia: caminhos, fronteiras e diálogos. Revista OPUS – ANPPOM, v. 16, n. 2, 2010.

SANDRONI, Carlos. Uma roda de choro concentrada: reflexões sobre o ensino de músicas populares nas escolas. *Anais do IX Encontro Anual da Associação Brasileira de Educação Musical.* Belém: ABEM, p. 19-26, 2000. Disponível em: https://www.academia.edu/8288462/Uma_roda_de_choro_concentrada. Acesso 31 mar 2019

SEEGER, Anthony. Etnografia da Música. Tradução em Português de CIRINO, Giovanni. In. *Cadernos de Campo*. São Paulo, no 17. P 237-276, 2008

TINHORÃO, José R. Música Popular: Do Gramofone ao rádio e TV. 2a edição, Editora 34, 2014. São Paulo, Editora Ática, 1981.

TURINO, Thomas. 2008. Music as Social Life. Chicago: University of Chicago Press.

Notas

[1] "In a memorable image he portrays the spaces of knowledge as 'islands sown in archipelagos on the noisy, poorly-understood disorder of the sea'. In these circumstances the role of the intellectual is 'to attempt to see on a large scale, to be in full possession of a multiple, and […]connected intellection". Born citando Michel Serres em *Hermés V: Le passage du Nord-Ouest. Paris, 1980, 23-4; 75.*a large scale, to be in full possession of a multiple, and […] connected intellection". Born citando Michel Serres em *Hermés V: Le passage du Nord-Ouest. Paris, 1980, 23-4; 75.*

[2] Para Nicolescu, a interdisciplinaridade transporta métodos e conceitos de uma disciplina para outra. Cabe aqui uma discussão interessante sobre esses processos, que foge ao escopo deste artigo.